

Luís Filipe Castro Mendes

Um tango sobre as ruínas

ISABEL CRISTINA MATEUS

❏ Voltar é o título do livro de poemas de Luís Filipe Castro Mendes acabado de chegar às livrarias. Título breve, deixando a dançar no ar ressonâncias várias, da viagem (e do desejo de regresso implícito a toda a viagem) ao humor corrosivo de um filme de Almodóvar e, em particular, a memória de um tango de Carlos Gardel, “Volver”, cujos versos em epígrafe marcam o ritmo deste livro. Referências e imagens aparentemente desconexas ou contraditórias que se entrelaçam numa coreografia sedutora.

Na primeira parte do livro, “Quem da Pátria sai”, o leitor reencontra os temas obsessivos de um poeta cujo percurso, solidamente construído desde Seis Elegias (1985) a Outro Ulisses regressa a casa (2016), pode ser acompanhado em Poemas Reunidos (Assírio & Alvim, 2018). Um itinerário onde vida, viagem e escrita se confundem em metáforas que mutuamente se iluminam, convocando uma longínqua tradição literária, de Ulisses ao peregrino e homo viator, em sentido mais antropológico do que teológico, passando pelos navegadores de outros tempos aos viajantes e migrantes da era global. Voltar é, neste sentido, regressar à escrita e a esse percurso, ainda que outro.

Se em Outro Ulisses regressa a casa o poeta se assume enquanto voz de um colectivo de viajantes, advertindo o leitor que “viajar é tão-só aprender/a mais devagar saber morrer”, em “Ulisses nunca voltou a casa”, poema de abertura de Voltar, o tom deceptivo e elegíaco parece adensar-se e definir um trajecto individual: “Quem andou muito tempo por longes terras, longes mares/ deixa de fazer parte da sua pátria, mesmo/para aqueles que o amam ou supõem ainda o amam./ A rua por onde voltava de noite para casa/foi cortada. As varandas donde via o mar foram fechadas./ O lugar que ocupava à mesa já não é meu”(p.15). A viagem, como a escrita, é uma aprendizagem da vida e da morte, um caminho sem regresso porque ninguém regressa o mesmo ao ponto de partida: “não há Ítaca possível”, afirma o poeta em Seis Elegias. Apenas errância. Exílio. Para agora acrescentar “E no fim só o cão nos reconhece” (p.15).

Esse outro Ulisses que nunca regressou a casa é, sublinha Nuno Júdice no prefácio de



Luís Filipe Castro Mendes “Entre a melancolia da elegia e a euforia do soneto”

Poemas Reunidos, “não o da odisseia finita, mas o que Dante condenou à viagem eterna”. Não o zeloso conservador da tradição, mas o ardiloso marinheiro que ousou atravessar as colunas de Hércules e espreitar o outro lado do horizonte, o atlântico desconhecido. A viagem não configura uma experiência solitária, antes convoca a alteridade, o diálogo com um “tu” num mundo marcado pela copresença do amor e da morte, mesmo quando o desejado mas impossível encontro com a figura de Eurídice, entrevista num snack-bar dos anos sessenta, confina o poeta ao monólogo e à sombra vaga de uma elegia.

Estamos perante uma poesia culta que mantém um diálogo íntimo e criativo com outras vozes da tradição ocidental (e não apenas ocidental) com as quais o poeta se confronta e se busca, com as formas clássicas e os textos, refrescando-os graças a um olhar apurado pelas lentes do modernismo e

das vanguardas, depurado pela (auto)ironia e pelo relativismo da contemporaneidade: “este é o nosso tempo e com ele nos medimos,/às vezes irónicos, às vezes vagos ou distantes” (p.67). Esta proximidade com a memória cultural ocidental em tempos de distanciamento (se não mesmo de higiénica distância), mas também esta abertura à inclusão de vozes outras, ao jogo dialógico como modo de pensar o presente, de dizer o diferente ou interrogar as contradições ou silêncios da História, do quotidiano ou íntimos sob o registo da paródia ou da contrafacção irónica, é uma das marcas de água da obra poética de Castro Mendes.

Voltar é dar voz a Penélope interrogando Ulisses sobre o desencanto do regresso, à fria desilusão de Telémaco: “Vivi à tua sombra e à tua espera.// (...) O meu amor esvaiu-se como chuva em terra seca” (p. 28) ou à solidão de Ulisses em Ítaca. É dar voz a Mariana Alcoforado, revisitando de modo sarcástico a

paixão de juventude: “Chamilly? Uma paixoneta de miúda. (...) esse poder de ter escrito/ ninguém me pode roubar,/ como me roubaram no fim da vida a eleição para abadessa” (p. 63). Ou confrontar o poeta com a pergunta interdita dirigida por um “tu” especular: “Queres voltar?” (p.30).

VOLTAR É RECONHECER A MUDANÇA. Entre a melancolia da elegia e a euforia do soneto que, para Nuno Júdice, define o percurso do poeta, o epigrama vem ganhando relevância desde A Misericórdia dos Mercados (2014). Se Voltar significa regressar ao tom elegíaco, este não exclui a nota mordaz, epigramática: “o petróleo sobe mais à cabeça/do que o vinho neste país”; “queria falar nos alicerces (...)/ mas acabei a olhar para as suaves e firmes raparigas/do Azerbaijão” (p. 61-62).

A secção “Circunstâncias” introduz no “jogo de fazer versos” um inesperado regresso ao real, desvendando biografemas, memórias de outros tempos, imagens trazidas na bagagem do diplomata viajante. Na oficina do poeta cruzam-se as memórias do avô arqueólogo e relojoeiro em Loulé que sabia ler “os restos de uma esquecida escrita”, de Cesina Bermudes e de um tempo anterior à Revolução de Abril, de viagens à Sicília ou à Índia ou do regresso ao Brasil, vinte anos depois, para dar voz à “íntegra palavra” de Fernanda Montenegro contra os “gritos arrogantes/da estupidez

mais vil” (p.60) ou ser voz da pergunta: “Que farão de nós, país do futuro/janela tapada com cimento para não deixar passar o sol?” (p. 52).

“O Ano da Peste Grisalha”, título da segunda parte do livro, corporiza a mudança mais saliente. Não apenas pela nota acre introduzida pela (triste) expressão vinda do debate político, mas por nela fazer confluir o olhar amadurecido do poeta em contexto de pandemia. Um olhar confinado à janela, observando à distância as “ruas desertas ou só atravessadas a medo”, solidário com o outro ausente e a “vida a esconder-se de viver” (p.94), sonhando viagens impossíveis: “E eu que nunca vi Samarcanda,/pergunto quando voltarei a ver o fim da minha rua”(p.96). Ou vindo no corpo devastado pela peste do Cristo de Grunewald a “figura forte do ser humano entre os humanos que grita/por sobre a miséria da morte” (p.100).

Para Castro Mendes, o fazer poético nasce de ecos vários, de viagens, paisagens, imagens, vozes. De uma música ou de uma tela. Nasce do conflito com a morte, o outro inominável, insuportável, que a escrita adia: “todos os poemas procedem deste modo:/ contornam o insuportável/até cercarem as palavras de grãos de areia e de luz”, afirma em A Ilha dos Mortos (1991). Procurando cercar o real e enfrentar o medo, o “jogo de fazer versos” é sobretudo um trabalho rigoroso de linguagem, de composição musical que o poeta dá a ouvir em Modos de Música (1996) e Outras Canções (1998); uma dança entre o artefacto verbal e a “inflexão alegórica”, no dizer de Rosa Martelo, expressão de um caminhar entre ruínas.

Traçar sobre as ruínas um rasto de beleza, fazer dançar as palavras é ofício poético. Porque a poesia, diz o poeta citando um verso de Jaime de Biedma, é “el verbo hecho tango”. O corpo a corpo das palavras com o mundo e com o medo. Se para Discépolo o tango “es un pensamiento triste que se baila”, para Castro Mendes, é um sentimento. Um modo elegíaco e sedutor de voltar. JL

*Isabel Cristina Mateus é profª da Universidade do Minho, investigadora e ensaísta

Para Castro Mendes, o fazer poético nasce de ecos vários, de viagens, paisagens, imagens, vozes. De uma música ou de uma tela. Nasce do conflito com a morte, insuportável, que a escrita adia